

OPINIÃO SOCIALISTA

**É HORA DE IR ÀS RUAS PELO
FIM DA 6X1 DE VERDADE**

**CONTRA QUALQUER ACORDÃO ENTRE
GOVERNO, CENTRÃO E DIREITA!**



**FIM DA
ESCALA
6X1**

**JORNADA DE 36 HORAS JÁ!
SEM REDUÇÃO DO SALÁRIO, SEM TRANSIÇÃO
E SEM BOLSA PATRÃO**

Pág. 12 a 20

**LULA, NEGOCIAR
É ENFRAQUECER
A LUTA CONTRA
A ESCALA 6X1!**

**DERROTAR OS
ATAQUES DA
DIREITA E
DO CENTRÃO**



extra! extra! extra!

**ESCÂNDALO COM VORCARO
ABALA CANDIDATURA DE
FLÁVIO BOLSONARO**

pág. 37 a 44

O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

Pág. 4 a 6

NOTAS

Jogador Vini Jr. é alvo de mais um ataque racista
Morre Vladimir Sacchetta, o intelectual e pesquisador classista

Pág. 7 a 11

EDITORIAL

**BOLSONARISMO EM BAIXA E
LIMITES DO GOVERNO LULA**

Pág. 12 a 20

CENTRAIS

**DERROTAR OS ATAQUES DO
CENTRÃO E DA DIREITA**

Pág. 21 a 28

JUVENTUDE

**UNIFICAR A LUTA DAS ESTADUAIS
PAULISTAS COM AS FEDERAIS E
CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA
SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA
PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL**

Pág. 29 a 32

CLASSE TRABALHADORA

**GREVE DOS TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS:
DIREÇÃO SINDICAL
FREIA A LUTA E BLINDA GOVERNOS**

Pág. 33 a 36

CLASSE TRABALHADORA

**PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
MUNICIPAL DE SÃO PAULO
FAZEM FORTE GREVE CONTRA
PREFEITURA DE RICARDO NUNES**

Pág. 37 a 44

BRASIL

**"IRMÃO, ESTOU E ESTAREI
CONTIGO SEMPRE":
ESCÂNDALO COM VORCARO
ABALA CANDIDATURA DE
FLÁVIO BOLSONARO**

Pág. 45 a 49

INTERNACIONAL

**A FLOTILHA, O GENOCÍDIO
SEM MÁSCARAS E O DECLÍNIO
DO PROJETO COLONIAL SIONISTA**

Pág. 50 a 53

INTERNACIONAL

**ATO FORTALECE CAMPANHA
CONTRA CONDENAÇÃO À PRISÃO
DE ZÉ MARIA**

Pág. 54 a 57

NEGRAS E NEGROS

**CEF PROMOVE APAGAMENTO
HISTÓRICO DA POPULAÇÃO
NEGRA ESCRAVIZADA**

Pág. 58 a 61

CULTURA

**TRÊS GRAÇAS: DE "O
ENCOURAÇADO POTEMKIN" A
VORCARO – A HISTÓRIA DE
UMA EXPROPRIAÇÃO**

Pág. 62 a 65

PARTIDO

**PSTU LANÇA PRÉ-CANDIDATURAS
COM PLENÁRIAS, APOIO ÀS LUTAS
E DIÁLOGO COM TRABALHADORES**

CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos, o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil
Agência: 4054-1
Conta: 26751-1
PIX: 55.446.524/0001-00



Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ: 06.021.557/0001-95 /Atividade Principal 47.61-0-01

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO: Diego Cruz, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

DIAGRAMAÇÃO: Ana Sbabbo

CONTATOS

📷 @opiniaosocialista

📞 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ opinião@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo (SP) CEP: 01313-000

RACISMO

Jogador Vini Jr. é alvo de mais um ataque racista



Fonte: Reprodução

O jogador do Real Madrid e da seleção brasileira, Vini Jr., foi vítima de mais um ataque racista. Dessa vez, fora dos campos europeus. Poucos dias após ter anunciado publicamente o fim do relacionamento com a influenciadora Virginia Fonseca, fato que se tornou onipresente nas páginas de fofoca, a empresária postou em suas redes sociais um passeio em Dubai no qual beija um macaco de um zoológico.

De pronto, o jogador foi associado à postagem e recebeu uma avalanche de ataques racistas. A influenciadora, por sua vez, com o holofote da mídia provocado pelo caso, deixou rolar por dias até publicar um pedido de desculpas usando o pretexto esfarrapado de que as imagens teriam sido tiradas do contexto. "Jamais na minha vida eu fiz isso com intenção de ofender alguém", afirmou.

Virgínia é uma influenciadora com quase

55 milhões de seguidores só no Instagram. Conhece a lógica das redes sociais, assim como o efeito e a polêmica que aquela postagem causaria. Utilizou o racismo como forma de se manter na mídia, blindada com um já pensado pedido de desculpa a “quem tiver se sentido atingido”.

PRESENTE

Morre Vladimir Sacchetta, o intelectual e pesquisador classista



JORGE BREGAN,
DE SÃO PAULO (SP)

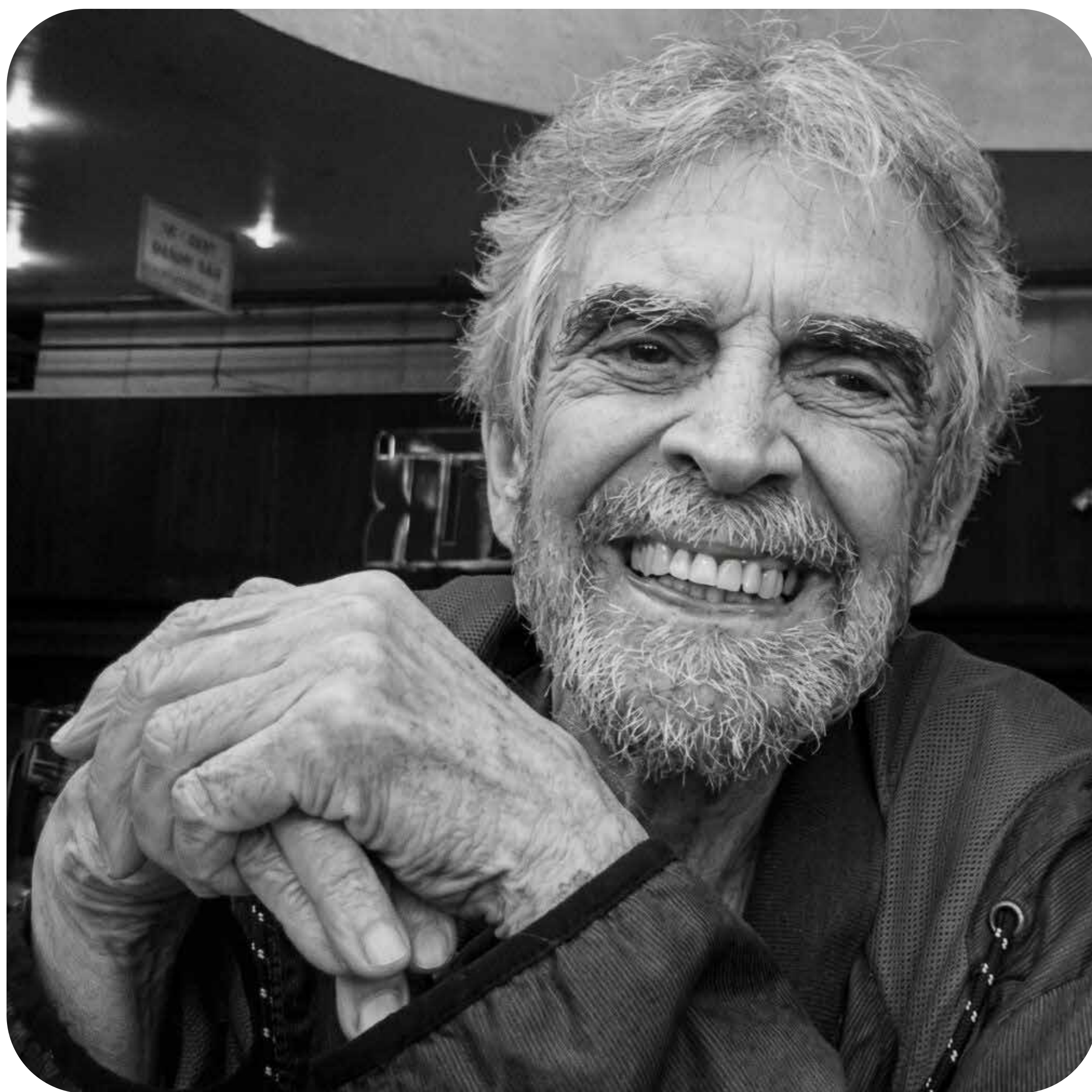


Foto: Arquivo pessoal

Nos deixou no último dia 15, aos 75 anos, Vladimir Sacchetta. Filho do lendário dirigente comunista

Hermínio Sacchetta, cresceu cercado de intelectuais, jornalistas e escritores, o que o motivou desde muito jovem para o mundo da leitura. Formado em Direito nas Arcadas de São Francisco (SP), dedicou sua vida a garantir que a história das esquerdas brasileiras não fosse escrita pela ótica dos vencedores, mas sim por aqueles que enfrentaram a ditadura e o capital.

Como pesquisador manteve a chama viva do trotskismo brasileiro e transformou a perseguição política em luta permanente pela preservação documental, pois, entendia que a militância na memória é uma forma de resistência tão importante quanto as ações diretas nas ruas. Como dizia, "organizar um arquivo não era uma tarefa burocrática, mas um ato político de 'desocultamento' das estruturas do poder".

Entre vários trabalhos publicados e ganhador de prêmios literários no país, destacamos sua militância técnica e política no projeto Brasil: Nunca Mais. Entregou não apenas um relatório, mas uma peça de acusação histórica contra o sistema da época.

Manteve-se fiel à perspectiva de classe, fazendo jus ao nome que usava do líder da Revolução Russa.■

Vladimir Sacchetta fez da memória uma arma de resistência.

Bolsonarismo em baixa e limites do governo Lula



Flávio Bolsonaro e Daniel Vorcaro. Fonte: Editoria de arte

Os bolsonaristas nunca estiveram tão em baixa. A revelação das relações espúrias de Flávio Bolsonaro com Daniel Vorcaro ajuda a desmascarar o papel real que cumprem. Ao mesmo tempo, esse tipo de escândalo escancara como o próprio mercado financeiro se sustenta não apenas na exploração e espoliação, mas também em corrupção, roubo e falcatruas legais ou ilegais.

O BOLSONARISMO É PARTE DO SISTEMA E PRECISAMOS DERROTÁ-LO

A candidatura de Flávio pode ficar comprometida. Ainda assim, a extrema direita seguirá polarizando a realidade política. Ao contrário do que afirmam o PT e o governo Lula, ela não será derrotada apenas pelas eleições. Isso porque é produto da crise e da decadência do capitalismo, expressando um setor da burguesia com base social real, que disputa a classe média e setores dos trabalhadores com

respostas reacionárias e falsas saídas fáceis. É a defensora mais raivosa do sistema capitalista, com um projeto autoritário, de barbárie social e subserviência absoluta a Donald Trump e ao imperialismo dos EUA.

CONTRA OS ATAQUES DA DIREITA, SEM CONFIANÇA NO GOVERNO

Os bolsonaristas escolheram um terreno de disputa para tentar se recuperar: a batalha contra o fim da escala 6×1. O centrão, a direita e o bolsonarismo começam a se articular para impedir qualquer avanço nas conquistas dos trabalhadores e, se possível, impor novos ataques.

O discurso em defesa dos pequenos negócios é uma farsa. Serve aos grandes grupos capitalistas que controlam a economia, exploram os trabalhadores e pressionam os pequenos empreendimentos. Quem deve arcar com o fim da escala 6×1 são os grandes conglomerados que concentram a riqueza do país, enquanto os pequenos deveriam ser protegidos e apoiados com subsídios financiados pelos mesmos grandes capitalistas.

Para impedir retrocessos e conquistar direitos, os trabalhadores precisam entrar em cena com seus próprios métodos de luta: manifestações, greves e paralisações.

Ao mesmo tempo, é fundamental não depositar confiança no governo Lula, que pode, em nome de acordos com o centrão e a direita, rifar conquistas e aceitar retrocessos. Por isso, é necessário seguir exigindo a redução da jornada para 36 horas semanais. As 40 horas propostas pelo governo são

insuficientes diante do nível de exploração e dos lucros da burguesia no país.

OS LIMITES DAS MEDIDAS ECONÔMICAS DO GOVERNO LULA

Diante do relativo enfraquecimento da extrema direita, o governo Lula adota uma série de medidas que, embora possam trazer algum alívio imediato para setores da população, não atacam as raízes estruturais dos problemas. Garante, em última instância, o fluxo de recursos públicos para os capitalistas, revelando seu caráter limitado e capitalista.

O programa Desenrola 2.0 pode ser um alívio imediato para milhões de endividados. Mas destina bilhões aos bancos, sem enfrentar o problema central: as altas taxas de juros. O próprio governo nomeou a direção do Banco Central, que não muda essa política.

A justificativa de combate à inflação não se sustenta na vida real. Os trabalhadores se endividam porque os salários são baixos, e o custo de vida, especialmente dos alimentos, segue alto. A inflação baixa é uma média abstrata que não reflete o peso real no orçamento dos trabalhadores.

O governo poderia perdoar dívidas dos trabalhadores, reduzir drasticamente os juros e, se necessário, diante da reclamação dos bancos, nacionalizar o sistema bancário e implementar controle de capitais perante as ameaças do mercado financeiro, assim como enfrentar os conglomerados donos do agronegócio para se ter comida barata.

PARTIDO DOS CONSUMIDORES

O PT repete a estratégia dos seus outros governos: estimular o consumo sem alterar a estrutura econômica. São cerca de R\$ 190 bilhões injetados na economia para impulsionar o PIB. Pode gerar alívio momentâneo, mas quem mais se beneficia são grandes bancos e empresas, que ampliam seus lucros à custa do dinheiro público e com baixíssimas contrapartidas. E estão inseridos numa política geral do governo de privatização e entrega do país ao imperialismo e ataques aos trabalhadores.

Não é possível tirar o país do subdesenvolvimento apenas ampliando o consumo. O Brasil segue se desindustrializando, se subordinando ao imperialismo, especializado em exportação de commodities e matérias-primas. Para garantir desenvolvimento nacional e reindustrialização, tem que enfrentar os interesses da burguesia e romper com a lógica de subordinação ao imperialismo. Mas o governo Lula permanece dentro dos estreitos limites do sistema.

O PT reduz os trabalhadores a meros consumidores, promovendo uma suposta ascensão social pelo consumo que não acontece na prática. Basta ver a crescente desigualdade social. Ao reforçar essa ideia, estas políticas acabam alimentando ideologias que a direita aproveita, como o empreendedorismo, o individualismo e o ultraliberalismo. O governo Lula, ao implementar apenas medidas eleitorais alinhadas ao sistema, não enfrenta, mas alimenta o bolsonarismo.

LUTA DOS ESTUDANTES E TRABALHADORES APONTA O CAMINHO

A intensa mobilização nas universidades paulistas, unindo estudantes e trabalhadores, fortalece uma consciência de independência de classe. Esse é o caminho que pode impor derrotas à extrema direita, barrar ataques e garantir conquistas.

O PT sempre diz que não faz mais porque falta correlação de forças. Mas no momento que há mais lutas, enfraquecimento da direita, escândalo do bolsonarismo, o que faz o governo? Vai para os EUA abraçar Trump. Não faz nada para apoiar os estudantes em greve. Pelo contrário, enfrenta ele próprio uma greve dos trabalhadores das universidades federais que finge que não existe. As entidades governistas nem sequer estão chamando mobilizações com peso pelo fim da 6×1 contra o Congresso. Seguem o equívoco de confiar na institucionalidade e na conciliação de classes.

UNIDADE PARA DERROTAR OS ATAQUES DA EXTREMA DIREITA, INDEPENDÊNCIA PARA ENFRENTAR O GOVERNO LULA

Contra os ataques da extrema direita ao fim da 6×1, a mais ampla unidade de ação é necessária, para derrotá-los nas ruas. Mas é preciso também independência de classe do movimento dos trabalhadores e da juventude. Isso significa denunciar como o governo serve à burguesia e exigir as reivindicações dos trabalhadores.

Precisamos derrotar a extrema direita de verdade e também a política econômica capitalista do governo Lula. Junto com isso, fortalecer um programa revolucionário e socialista que proponha medidas concretas para romper as engrenagens do sistema capitalista.■

FIM DA ESCALA 6X1**Derrotar os ataques do centrão e da direita**

Não a qualquer acordo entre Lula, centrão e direita



**RENATA FRANÇA,
DE SÃO PAULO (SP)**

Às vésperas da votação do fim da escala 6x1, deputados bolsonaristas, da direita e do centrão articulam um verdadeiro golpe contra os trabalhadores, piorando a proposta feita pelo governo. Estão desfigurando a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) para impedir a redução da jornada, incluir ataques aos trabalhadores e benefícios aos grandes empresários.

Os deputados de direita e do centrão Sérgio Turra (Progressistas-RS) e Tião Medeiros (Progressistas-PR) apresentaram uma emenda que prevê uma transição de até dez anos para implementação das 40 horas semanais e abre caminho para uma ampla flexibilização da jornada e dos direitos trabalhistas.

A proposta cria exceções para setores considerados essenciais, mantendo jornadas de até 44 horas semanais, além de liberar negociações sobre escalas, banco de horas, intervalos e feriados diretamente com a patronal. A jornada poderá ultrapassar em 30% o limite legal, o que na prática significa, chegar a absurdas 52 horas semanais.

A emenda permite a negociação individual diretamente com os patrões para estabelecer suas

próprias regras, como migrar para o teletrabalho, trabalho intermitente e remuneração por produtividade, além de permitir que pausas e intervalos deixem de ser contabilizados como tempo remunerado.

BOLSA-PATRÃO

Como se não bastasse, os parlamentares propõem uma série de privilégios às empresas, como a redução de 50% da contribuição ao FGTS, imunidade temporária de impostos previdenciários e outros incentivos para novas contratações. Trata-se de um verdadeiro pacote de subsídios aos empresários financiado à custa dos trabalhadores, uma bolsa-patrão.



Os deputados de direita e do centrão Sérgio Turra (Progressistas-RS) e Tião Medeiros (Progressistas-PR)

Com 176 deputados apoiando a proposta, a aprovação dessa emenda significaria transformar a luta pelo fim da escala 6x1 em um ataque sem precedentes. É preciso enfrentar Flávio Bolsonaro e toda a corja da extrema direita que tenta impedir o fim da 6x1 por diversos meios, inclusive propondo novos ataques aos trabalhadores. Eles

defendem abertamente os interesses de multinacionais e grandes empresas bilionárias que exploram os trabalhadores e sufocam os

Emendas podem impor jornadas de até 52 horas, além de uma série de privilégios e benefícios às grandes empresas.

MOBILIZAÇÃO

É hora de irmos às ruas para retomar nosso tempo de vida roubado!



Ato pelo Fim da Escala 6x1. Fonte: Arquivo PSTU

Não se pode esperar nada de um Congresso dominado pelos interesses empresariais, um balcão de negócios da burguesia. É nas ruas, onde mais de 70% da população apoia o fim da

escala 6×1, que está a força capaz de derrotar essas manobras.

LULA, NEGOCIAR A SUPEREXPLORAÇÃO É ENFRAQUECER A LUTA PELO FIM DA 6X1

Os próximos dias serão decisivos na luta pelo fim da escala 6×1. Está colocada uma disputa aberta entre patrões e trabalhadores sobre quem pagará a conta da redução da jornada e quais interesses prevalecerão no texto final.

No dia 13 de maio, Lula se reuniu com o presidente da Câmara, Hugo Motta, para discutir os marcos da redução da jornada, definindo o que ficaria na Constituição e o que poderia ser posteriormente regulamentado por lei complementar. Dias antes, Motta havia recebido representantes da Fecomercio, que levaram uma pauta de compensações fiscais e isenções patronais. Vai pintando um clima de um acordão podre entre o governo e o Congresso pra enrolar os trabalhadores.

PROPOSTA REBAIXADA

A posição do governo Lula é tentar controlar e institucionalizar a revolta de milhões de trabalhadores que exigem o fim da 6×1 já, sem transição. O projeto apresentado pelo governo já nasce rebaixado, estabelecendo 40 horas semanais e deixando em aberto tanto o período de transição quanto as condições de implementação da medida. Já entra na negociação abandonando a reivindicação original levantada pelo movimento, que era por 36 horas semanais e semana 4×3.

Alguns setores afirmam que a pauta original do

movimento seria inviável. Isso não se sustenta. Nas últimas décadas, o avanço da produtividade, impulsionado pelo uso intensivo de tecnologia, ampliou enormemente a capacidade de geração de riqueza. Há, portanto, base material para a redução da jornada para 36 horas semanais sem qualquer diminuição salarial. O verdadeiro entrave não é econômico, mas político: os grandes capitalistas não estão dispostos a abrir mão de uma parcela sequer de seus lucros, que seguem em níveis elevados.

Defender a jornada de 36 horas e a escala 4x3 é o caminho que pode pavimentar uma conquista histórica para a classe trabalhadora. Ao contrário, quando o governo adota propostas rebaixadas e mínimas, cria as condições para que a direita e o centrão avancem ainda mais o desmonte, impondo retrocesso e esvaziando qualquer possibilidade de ganho real. É preciso, portanto, sustentar uma pauta à altura das necessidades dos trabalhadores.

A redução da jornada para 36 horas com semana de 4x3 é totalmente viável devido ao avanço da produtividade das últimas décadas.

QUE OS CAPITALISTAS PAGUEM

Fim da escala 6x1 não pode ser moeda de troca!

Hoje milhões trabalham exaustivamente para ganhar salários miseráveis. Uma parte da classe está aprisionada na escala 6x1, nas horas extras abusivas e nos bancos de horas. Outra já vive a realidade brutal da informalidade, da uberização e do salário por peça, o que na prática é a escala 7x0, disponível 24 horas por dia para receber por serviço, entrega ou tarefa executada. Essa jornada totalmente flexível, na qual a vida do trabalhador é colocada 100% a serviço do capital, é a jornada ideal para os grandes empresários.

Querem transformar o fim da 6x1 em moeda de troca dentro desse balcão de negócios que é o Congresso Nacional. Mas não existe mediação favorável entre os interesses da classe trabalhadora e os da burguesia parasitária que lucra com a superexploração. Estão construindo um projeto para fingir que a jornada 6x1 está acabando, passando também ataques contra os trabalhadores. Assim, uma medida que deveria servir para melhorar a vida dos trabalhadores, será deturpada para servir ao lucro dos grandes capitalistas.

ELES LUCRARAM BILHÕES, AGORA SÃO ELES QUE DEVEM PAGAR A CONTA

Ao contrário do que exige o lobby patronal, o dinheiro público não pode ser utilizado para subsidiar empresários. É necessário taxar os grandes capitalistas para garantir um programa de apoio aos pequenos comerciantes, para que possam enfrentar dificuldades iniciais com a

implementação imediata da redução da jornada. Os pequenos negócios podem ser beneficiados com políticas de apoio à contratação, mas também colherão os efeitos positivos do aumento do tempo livre da população trabalhadora, fortalecendo o comércio local, os serviços e a economia dos bairros.

É necessário proibir demissões em massa e impedir que novas contratações ocorram de forma precária, intermitentes ou pejetizadas. Empresas que descumprirem a redução da jornada devem sofrer punições severas e multas pesadas.

Vamos derrotar nas ruas as manobras da direita, do centrão e dos empresários e exigir do governo e do Congresso redução real da jornada de trabalho. Nenhuma confiança nas negociações de gabinete, nos acordões ou na conciliação entre governo e patrões! A juventude e a classe trabalhadora precisam ocupar as ruas, organizar assembleias, paralisações e mobilizações nos locais de trabalho e estudo.

Construamos uma jornada nacional de lutas! Participaremos dos atos dos dias 24 e 25 de maio em todo o país. E no dia 27, quando a pauta for votada em plenário, precisamos ampliar a pressão, atrasar entradas, paralisar locais de trabalho e mostrar a força da nossa classe. Fim da escala 6×1 já, sem transição e com garantia de dois dias consecutivos de descanso.

Redução para 36 horas semanais, sem redução salarial e sem retirada de direitos, rumo à semana 4×3.

— Não ao bolsa-patrão e à flexibilização total da jornada.

— Revogação da reforma trabalhista e fim da pejotização.

ENTENDA

As novas tecnologias, as jornadas exaustivas e os lucros bilionários dos grandes capitalistas

A última grande mudança na jornada de trabalho no Brasil foi conquistada em 1988, quando o forte ascenso da classe trabalhadora impôs na nova Constituição a redução da jornada semanal de 48 para 44 horas.

Nesses quase 40 anos, a produtividade do trabalho aumentou enormemente graças às novas tecnologias, à automação e à indústria digital. Mas esses avanços, que poderiam significar mais tempo livre e melhores condições de vida para a classe trabalhadora, foram apropriados pelos grandes empresários para ampliar seus lucros e aprofundar a exploração.

As novas tecnologias serviram para intensificar o ritmo de trabalho, ampliar o controle patronal e precarizar ainda mais as relações trabalhistas. As plataformas digitais e a inteligência artificial impulsionaram a uberização, o trabalho por aplicativo e o subemprego. Os capitalistas passaram a sugar cada segundo da força de trabalho pagando cada vez menos.

Durante esses mesmos 38 anos – 18 deles sob governos petistas – também foram aprovadas

medidas profundamente regressivas, como a reforma trabalhista, a ampliação das terceirizações e o trabalho intermitente. Segue em discussão no STF a ampliação da pejetização, ao mesmo tempo que não foi engavetado o PL 152, que legaliza jornadas de até 12 horas para entregadores.

A redução da jornada de trabalho é uma dívida histórica com a classe trabalhadora deste país. E quem acumulou bilhões à custa das jornadas exaustivas e das escalas abusivas é que deve pagar essa conta.■



Ato na Avenida Paulista pelo fim da escala 6x1 - Bruno Santos/Folhapress

EDUCAÇÃO

Unificar a luta das estaduais paulistas com as federais e construir uma alternativa socialista e revolucionária para o movimento estudantil



REBELDIA-SP



Manifestação das estaduais paulistas em greve. Foto: Maísa Mendes

A greve da USP completou um mês e está em um momento decisivo. Após a segunda mesa de negociação, a reitoria encerrou de forma arbitrária as tratativas. Ocupamos a reitoria, exigindo a reabertura do diálogo. Após a desocupação violenta pela PM, o apoio à greve só cresceu. Foram realizados atos massivos, em conjunto com as outras estaduais, com mais de 5 mil estudantes, e a USP se unificou com os professores municipais, tomando a Avenida Paulista e mostrando a força e a legitimidade da nossa luta.

O reitor Aluísio Segurado recuou e disse que está aberto a um novo diálogo, propondo uma mesa de

mediação contratando especialistas na área de conflitos. A intervenção da PM fere a autonomia universitária, mas até então a reitoria não repudiou categoricamente a ação.

Exigimos a abertura imediata da mesa de negociação, o atendimento do aumento no Papfe (bolsa permanência) e a garantia de não retaliação. Seguimos a batalha pela reestatização dos bandejões, pelo fim das larvas e baratas na comida, ampliação e reforma da moradia, cotas trans. Se a reitoria é incapaz de negociar o mínimo, não serve para nada e deve renunciar.

UNIFICAR A GREVE DAS ESTADUAIS PAULISTAS

A greve vive um momento diferente na USP, Unesp e Unicamp, mas a pauta e o inimigo são os mesmos: todas lutam por permanência, contra suas reitorias e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), por mais orçamento. Para darmos um passo rumo à unificação, defendemos a criação de um comando de greve das estaduais, em que cada comando local defina representantes para juntos: 1) termos uma carta de reivindicações unificada que pressione os reitores e governo; 2) definirmos um calendário comum dos próximos passos, com protestos unificados.

20M: MARCHA CONTRA TARCÍSIO

Derrotar o projeto da extrema direita em São Paulo

Tarcísio tem cortado bilhões da educação básica, privatizado os serviços públicos (Sabesp, CPTM) e sufocado as estaduais sem aumento no repasse de verbas. A extrema direita tem um projeto de morte,

levando à frente um genocídio contra a juventude negra nas periferias.

Frente a isso, ocupamos as ruas no dia 20 de maio com uma marcha unificada, do interior à capital, para derrotar nas ruas o projeto da extrema direita. Mas, para vencermos, acreditamos que essa luta tem que ser feita em unidade.

LUTA UNIFICADA OU AÇÃO ISOLADA? UM DEBATE COM A UP/CORRENTEZA

Os camaradas da UP/Correnteza tem tido uma política para as lutas que muitas vezes substitui o sujeito do processo pelo seu próprio partido. Foi assim na luta contra a privatização da CPTM, quando ocuparam a Alesp sozinhos, em vez de construir uma mobilização conjunta com os ferroviários. No primeiro momento, também queriam fazer a marcha do dia 20 sozinhos, o que felizmente reviram nas últimas semanas.

Acreditamos que para derrotar os governos que nos atacam o fundamental é construir unidade com todos que queiram lutar. Ações isoladas só trazem repressão e criminalização para o movimento, podendo virar derrotas ao invés de vitórias, e não fortalecem a auto-organização dos trabalhadores.

Por isso, defendemos a necessidade de nos unificarmos com servidores municipais, metroviários, centrais sindicais e todas as entidades estudantis. O que pode garantir vitórias é a ação coletiva em unidade, construída em conjunto com os trabalhadores e estudantes enquanto sujeitos de luta, não ações isoladas ou "exemplares" de um grupo.

AUSTERIDADE

Os parâmetros de sustentabilidade da USP são iguais ao arcabouço fiscal de Lula-Haddad

A USP estabeleceu, com os parâmetros, um limite de uso orçamentário, condicionado ao gasto com pagamento de pessoal. Ou seja, se não houver aumento do repasse de verbas, junto com o fim dos parâmetros, a dita melhor universidade do país nunca vai ter verba para permanência.

Em nível federal, o pré-candidato a governador de São Paulo pelo PT, Fernando Haddad, então ministro da Fazenda do governo Lula, foi quem elaborou a principal política econômica do governo: o arcabouço fiscal. O arcabouço condiciona o investimento em educação e áreas sociais ao crescimento do PIB, o que tem significado cortes bilionários em universidades e institutos federais todos os anos. Essa política orçamentária corresponde a interesses de classe bem delimitados: dos grandes banqueiros e bilionários, já que está a serviço de assegurar o pagamento da dívida em vez de garantir orçamento para a educação.

Por isso, defendemos o fim do arcabouço fiscal e dos parâmetros, para garantir dinheiro para permanência e pesquisa, e não para banqueiros e multinacionais. Essa luta, no entanto, não pode ser feita sem levar a cabo um enfrentamento ao projeto do Governo Federal de Lula e sua governabilidade.

UNIR ESTUDANTES E TRABALHADORES CONTRA LULA E O ARCABOUÇO!

Ainda que de maneira diferente da extrema direita de Tarcísio, o governo Lula leva à frente um projeto

capitalista de ataques à educação. Nas federais, faltam bolsas de permanência, bandejões – quando existem, são privatizados –, além de moradia. As bolsas de pesquisa não têm reajuste, e os estudantes são obrigados a se submeter a trabalhos precários, quando não são superexplorados por estágios sem regulamentação adequada.

Em mais de 56 federais há uma greve dos servidores técnico-administrativos que já dura três meses. Lula descumpriu o acordo de greve, recusa-se a implementar as 30 horas de trabalho e desde que assumiu o mandato tem cortado bilhões da educação todos os anos. Como consequência do arcabouço fiscal, a maioria das universidades não tem orçamento sequer para pagar os salários e garantir a manutenção dos serviços, e estão ameaçadas de fechar as portas.

Por isso, defendemos que é preciso dar um passo unindo a luta em defesa da permanência à greve dos servidores, com o movimento estudantil entrando em cena nacionalmente.



Ato unificado estaduais paulistas. Foto: Maísa Mendes

NACIONALIZAR A LUTA

Por um dia de paralisações e protestos das universidades!

A direção da UNE (PT/UJS/Afronte) convocou o 20 de maio, mas não quer nacionalizar a luta. É contra uma unificação entre estaduais e federais, porque isso significa enfrentar o governo Lula. Na prática, escolhe defender o governo em vez de defender os estudantes. Ou seja, defende um projeto capitalista, em que está tudo bem o governo atacar a educação, desde que não seja a extrema direita. Essa política prepara a derrota para os estudantes: ao abandonar a luta por permanência, abrem margem para que seja a extrema direita a única a fazer oposição ao Governo Federal, e que a alternativa que se apresente para a classe trabalhadora seja um projeto reacionário que mente e faz chacota sobre as universidades. Somos oposição de esquerda ao governo federal justamente porque acreditamos ser necessário erguer uma alternativa que supere a conciliação de classes sem meias palavras.

Infelizmente, a Oposição de Esquerda da UNE (Juntos/Correnteza/UJC) também não está apostando na nacionalização. Há no interior desse campo político diferentes níveis de adaptação ao governo, com destaque à posição do Juntos e do Correnteza, que acreditam ser necessário dar apoio crítico a Lula enquanto a extrema direita existir. No entanto, a extrema direita é um fenômeno que veio para ficar e, se não enfrentarmos a conciliação em todas as frentes, uma alternativa política não cairá do céu. Acreditamos que o papel da Oposição de Esquerda poderia ser outro: exigir da UNE a nacionalização, desmascarar o papel da conciliação de classes e, a partir dos DCEs que dirigem, construir

a unificação com as estaduais. Por isso, defendemos a construção de um dia nacional de mobilização e paralisação da educação por permanência estudantil que una a luta das estaduais paulistas às federais e chamamos a Oposição de Esquerda a rever sua posição e se somar a essa batalha.

SAÍDA

Romper as engrenagens do sistema capitalista Para defender uma educação 100% pública

Se hoje a maioria absoluta do ensino superior é privada, o PT tem muita responsabilidade ao ter injetado dinheiro público e isenções fiscais para os tubarões do ensino. O fato de Jorge Paulo Lemann, terceiro maior bilionário do país, estar no Ministério da Educação de Lula é a expressão da integração entre o governo e o setor privado, aplicando um projeto comum de privatização da educação.

Não esperamos as eleições para resolver nossos problemas: a solução só pode vir da luta e da organização da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, é preciso construir uma alternativa política que enterre a extrema direita e supere a conciliação de classes. Para reverter a submissão do Brasil aos Estados Unidos e à China, a miséria que vivemos com a escala 6×1 e a crise, é preciso romper com as engrenagens do sistema capitalista. Isso a esquerda da ordem, com Lula à frente e o PSOL na rabeira, não pode fazer, porque está comprometida em governar com os nossos inimigos, fechada com o centrão e até a extrema direita em prol da governabilidade.

Ao expropriar os bilionários e as multinacionais que saqueiam o país, poderíamos garantir que a riqueza produzida no Brasil seja colocada a serviço de assegurar nossas demandas. Com a estatização das maiores empresas de educação, seria possível pôr fim ao vestibular e assegurar universidade para todos. Mas, para isso, é preciso construir uma alternativa socialista e revolucionária para os estudantes pobres e trabalhadores. Essa é a razão de ser do Rebeldia, juventude da revolução socialista. ■



Vera Lúcia, pré-candidata ao governo de SP pelo PSTU. Foto Maísa Mendes

EDUCAÇÃO

Greve dos técnico-administrativos: direção sindical freia a luta e blinda governos

Apesar de 90 dias de uma greve que atinge 57 universidades, maioria da direção da Fasubra contém o movimento para preservar governo



ALEXANDRO C. FLORENTINO,
DE NITERÓI (RJ)



Greve Fasubra. Foto: CSP-Conlutas

No dia 23 de fevereiro, começou a greve dos servidores técnico-administrativos (TAEs) das universidades federais. De início, mais de 30 universidades aderiram ao movimento grevista e, ao longo do processo de mobilização, mais universidades foram aderindo até se chegar aos números atuais: 57 universidades com os serviços realizados pelos TAEs estão paralisadas. A atual greve foi deflagrada devido ao não cumprimento de diversos pontos do Termo de Acordo de Greve firmado entre o governo Lula e os trabalhadores em 2024.

Muitos desses pontos estão, até hoje, bloqueados ou mesmo ignorados pelo governo. Dentre eles, estão o Reconhecimento de Saberes e Competências (RSC), a jornada de 30 horas, o reposicionamento dos aposentados, a hora ficta para os trabalhadores noturnos dos Hospitais Universitários (HUs), o regime 12×36 nos HUs e a recomposição do reajuste dos médicos e médicos-veterinários que tiveram apenas metade do reajuste salarial conquistado na greve de 2024 (numa grande demonstração de quebra de isonomia entre os direitos dos servidores das universidades), além de outras reivindicações.

Greve foi deflagrada pelo descumprimento de acordo com o governo Lula em 2024

GREVE ALCANÇA 90 DIAS, MAS GOVERNO SEGUE INTRANSIGENTE

Mesmo sob muita pressão, a base da categoria vem demonstrando grande disposição de luta e mantém massiva adesão à greve. Apesar disso, o governo se mostra inflexível e não demonstra disposição em negociar as reivindicações acordadas e que ele mesmo descumpriu. Uma evidente tentativa de vencer o movimento pelo cansaço.

Pior é a postura da maioria na direção da Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-administrativos (Fasubra). Ao contrário de

organizar a categoria a partir de um calendário efetivo de ações mais radicalizadas, como mobilizações nas ruas, piquetes nas universidades e nos ministérios da Educação (MEC) e da Gestão e da Inovação (MGI), prefere arrastar a greve por meio de atividades ineficientes, como pressão a parlamentares em aeroportos e em seus gabinetes, preservando o próprio governo Lula de críticas e exigências.

Inclusive, eram contra fazer greve para não desgastar um suposto governo progressista de Lula, fortalecendo a extrema direita. Na verdade, essas correntes e esses dirigentes sindicais não enxergam a luta de classes como ela é. Os trabalhadores só podem contar com sua própria força e sua própria organização para enfrentar tanto os patrões quanto os governos que nos atacam, sejam eles quais forem. Porém não enxerga isso, mas sim uma disputa maniqueísta entre dois grandes blocos políticos superestruturais (ou seja, acima das classes) perante a qual temos que escolher um dos dois lados.

Ignora o fato de que, na verdade, a extrema direita se fortalece, por exemplo, quando não se revogam as medidas de austeridade impostas aos trabalhadores durante os governos Temer e Bolsonaro ou quando se alia a políticos bolsonaristas, como o Zé Trovão, para levar adiante a reforma administrativa que pode gerar a destruição dos serviços públicos, quando se corta verbas das universidades para engordar o montante das emendas parlamentares em um ano eleitoral.

MELHOR PONTUAL NO CENÁRIO DE GREVE

No dia 13 de maio, o governo finalmente recebeu a categoria. Contudo, é importante destacar que esta primeira reunião não é mérito da direção da Fasubra. Foi a pressão da base dos servidores, que organizou importantes atos, como no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Em específico, os companheiros no Rio Grande do Sul conseguiram encurralar o ministro da Educação, que estava no estado, e marcar o compromisso de se realizar a reunião.

No entanto, a primeira mesa de negociação, com o MEC, terminou sem avanços concretos. Todos os 18 itens não cumpridos do acordo de greve seguem no mesmo patamar, nenhum compromisso com o avanço dessas pautas. Mesmo diante desse cenário e de uma base que não arrefeceu o movimento paredista um instante sequer, a direção da Fasubra articula a saída da greve. E, pior, tenta jogar sobre a base a responsabilidade por uma possível saída sem conquistas.

Não é hora de recuar, e sim de radicalizar. O movimento arrancou uma primeira mesa de negociação. É preciso convocar ações radicalizadas, dias de luta, caravanas, piquetes e bloqueios. Ainda é possível que a greve se converta em vitória, mas, para isso, é preciso passar por cima da direção dos coletivos que dirigem a Fasubra, radicalizar a greve e pressionar Lula e seu governo pelo cumprimento integral do acordo. ■

Não é hora de recuar, e sim de radicalizar!

EDUCAÇÃO

Profissionais da educação municipal de São Paulo fazem forte greve contra prefeitura de Ricardo Nunes



PSTU-SP



Ato unificado dos profissionais da educação e estudantes. Foto: PSTU-SP

A greve dos profissionais de educação do município de São Paulo teve início no dia 28 de abril com uma assembleia em frente ao gabinete do prefeito Ricardo Nunes (MDB). Com um sol escaldante de outono, centenas de professoras e professores votaram com entusiasmo o início da greve.

Além da reivindicação de aumento salarial, estão incluídas melhores condições de trabalho, as quais vêm se deteriorando ao longo dos últimos anos, como a falta de profissionais em todas as áreas da escola. A política do atual prefeito é privatizar o ensino público contratando profissionais em todas as áreas em vez de promover concurso público.

As condições de trabalho, como salas superlotadas, módulos insuficientes, falta de segurança e falta de infraestrutura das unidades educacionais, têm levado os trabalhadores ao adoecimento. Isso evidencia a urgência de atendimento das reivindicações funcionais e de organização das escolas, como o atendimento à educação especial, implementação de políticas públicas voltadas à saúde mental dos profissionais de educação.

COMANDOS DE BASE SUSTENTAM GREVE

A categoria enfrenta uma forte batalha não só contra o bolsonarista Ricardo Nunes, mas também contra a burocracia do sindicato, que impede que a base se expresse no caminhão de som. Quando consegue romper essa barreira, é vítima das manobras dos dirigentes da Coordenação das Entidades Sindicais Específicas da Educação Municipal (Coeduc), como na primeira assembleia, que havia votado pela greve, e a direção dessa entidade encaminhou o contrário da decisão da maioria dos trabalhadores.

Os comandos de greve são os verdadeiros pilares de sustentação do movimento. São eles que passam nas escolas para dialogar com a comunidade escolar e têm conseguido adesão e apoio por parte dos pais ao movimento.

São Paulo tem o segundo maior gasto médio por vereador no país segundo levantamento do Ilaese. Em 2024, a Câmara de Vereadores gastou R\$ 12 milhões por vereador. Esses mesmos vereadores votaram a proposta de aumento salarial de 3,51% para os trabalhadores da educação, divididos em duas parcelas (2% em maio de 2026 e 1,48% em maio de 2027).

O escárnio desses políticos recebeu a resposta dos educadores: a greve continua, Ricardo Nunes, a culpa é sua. Com esse grito nas ruas, professoras e professores fizeram uma marcha de 7,5 km até o gabinete do prefeito, parando a principal via de circulação do centro da cidade.

É necessário superar as políticas divisionistas das burocracias sindicais e construir uma greve geral da educação no país.

BELO HORIZONTE

Greve da educação mostra força da categoria e aponta necessidade de ampliar a luta



FIRMINIA RODRIGUES,
DE BELO HORIZONTE (MG)

A greve da educação municipal de Belo Horizonte segue mostrando a força da categoria e escancarando a crise produzida pela política de sucateamento da prefeitura de Álvaro Damião (União Brasil). Após semanas de mobilização, assembleias e atos de rua, a prefeitura foi obrigada a abrir negociação, mas continua sem uma proposta que responda de fato às reivindicações centrais dos trabalhadores da educação.

A prefeitura conversou com o comando de greve sobre progressão funcional, transparência das vagas, alterações na Lei Orgânica para impedir a substituição de professores por monitores e atuação das OSCs. Entretanto, os pontos centrais da greve continuam sem solução: recomposição salarial real, combate à terceirização, valorização da carreira, fim da sobrecarga de trabalho e garantia de condições dignas nas escolas.

A prefeitura tenta apresentar um reajuste de 6,61% como se fosse uma grande conquista para a categoria. Mas isso é manipulação. Na prática, o governo está somando os 4,11% apresentados agora com os 2,4% que haviam sido ofertados ainda durante a greve do ano passado. Ou seja, não se trata de um novo reajuste de 6,61%, mas de uma maquiagem para tentar esconder que a proposta atual continua insuficiente diante das perdas salariais acumuladas e do aumento do custo de vida.

EDUCAÇÃO VIVE APAGÃO

Enquanto tenta vender o reajuste como responsabilidade fiscal, a prefeitura mantém contratos milionários e amplia a terceirização com as OSCs. O próprio Damião afirmou que as OSCs “vieram para ficar”, deixando evidente o projeto de privatização e precarização da rede municipal. A greve também denuncia o chamado “apagão da educação”: falta de professores, ataques ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), adoecimento da categoria e cortes nas verbas das escolas.

Mesmo diante das tentativas da prefeitura de desgastar o movimento, a mobilização arrancou avanços parciais e obrigou o governo a negociar. Isso demonstra que somente a luta coletiva pode enfrentar os ataques de Álvaro Damião e defender a educação.

O PSTU reafirma total apoio à greve da educação de Belo Horizonte. É preciso ampliar a solidariedade da classe trabalhadora e fortalecer a continuidade da greve para arrancar conquistas reais. ■

CASO DE CINEMA

“Irmão, estou e estarei contigo sempre”: Escândalo com Vorcaro abala candidatura de Flávio Bolsonaro

Financiamento milionário de Daniel Vorcaro à família Bolsonaro expõe hipocrisia do discurso anticorrupção e antissistema



DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO



Enquanto fechávamos esta edição, piorava cada vez mais a situação do presidenciável Flávio Bolsonaro e seu envolvimento com o banqueiro Daniel Vorcaro, protagonista da maior fraude financeira da história no país. Após o site The

Intercept Brasil revelar que o filho do ex-presidente golpista pediu R\$ 134 milhões a Vorcaro para supostamente financiar o filme em homenagem ao pai, ficamos sabendo que o senador visitou o banqueiro tão logo ele foi liberado da primeira prisão para aguardar as investigações em casa, monitorado por uma tornozeleira.

Antes disso, vamos rapidamente recapitular essa história que, mais que um filme mambembe, vem ganhando contornos de um dramalhão. No dia 13 de maio, The Intercept publicou o áudio que cairia como uma bomba na pré-campanha da extrema direita. Mostrando excessiva intimidade, Flávio Bolsonaro cobra um dinheiro que teria sido prometido a ele pelo banqueiro um dia antes de Vorcaro ser preso pela Polícia Federal enquanto corria para seu jatinho rumo a Dubai. Horas antes da divulgação das conversas, um repórter do site perguntou durante um "quebra-queixo" (entrevistas coletivas improvisadas) se o senador teria recebido dinheiro de Vorcaro para a produção do filme, ao que foi respondido com risadas de deboche. Pouco depois, o áudio incriminador rodava a internet.

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Com a revelação do áudio, o senador foi obrigado a reconhecer o pedido a Vorcaro, dando a desculpa furada de que havia negado antes por "questões contratuais de confidencialidade". Só não explicou o orçamento multimilionário do tal filme Dark Horse (O azarão em tradução livre), mais caro que O Agente Secreto (R\$ 45 milhões) e Ainda estou aqui (R\$ 28 milhões), ambos indicados e um vencedor de Oscar, somados. Pior

ainda, a produtora do filme, GoUP, negou ter recebido “um centavo” de Vorcaro, assim como o ex-ator de Malhação e ex-secretário da Cultura do governo Bolsonaro, Mário Frias, roteirista desta superprodução da trambicagem.

Frias certamente não sabia que, no dia 19, viria à tona um áudio seu agradecendo ao banqueiro pela doação milionária. Já a GoUP foi obrigada a reconhecer que Vorcaro pagou mais de 90% do filme.

Voltamos agora à visita de Flávio ao banqueiro, já em prisão domiciliar. Segundo o senador, o encontro teria sido simplesmente para avisá-lo que ele não sabia de todas as maracutaias e que não faria mais negócio com ele. A narrativa de Flávio Bolsonaro é menos crível que a peruca do ator que interpreta seu pai: para pedir milhões, ele manda um áudio no zap; para supostamente avisar que estava tudo terminado entre eles, faz questão de visitar Vorcaro pessoalmente.

NÃO É SOBRE CINEMA

As investigações ainda têm muito o que revelar, e o celular de Vorcaro é uma mina sem fundo de áudios, documentos e conversas comprometedoras. O que dá para afirmar é que a história do filme é balela. No desespero, a campanha de Flávio Bolsonaro vazou o trailer da produção (para provar a existência do filme), que mais parece um daqueles episódios antigos do seriado Chaves. O banqueiro chegou a dar efetivamente R\$ 61 milhões para Flávio Bolsonaro, e não foi para filme nenhum.

Suspeita-se fortemente que essa grana tenha ido para sustentar o deputado cassado Eduardo

Bolsonaro nos EUA. O irmão de Flávio Bolsonaro foi um dos principais articuladores do tarifaço de Trump no ano passado, conspirando contra o país, e estaria montando uma engrenagem de sustentação financeira do bolsonarismo no exterior. Ou poderia ainda irrigar a pré-campanha de Flávio Bolsonaro. Ou as duas coisas. O que certamente não financiou foi a peruca do ator Jim Caviezel no constrangedor papel de Bolsonaro.

ELEIÇÕES

Escândalo não dissolve polarização

O escândalo desencadeou um abalo sísmico na pré-candidatura da extrema direita. Pesquisa Atlas/Bloomberg divulgada no dia 19 de maio mostra uma queda de cinco pontos de Flávio Bolsonaro no primeiro turno e de seis pontos no segundo. Além de abalar a pré-campanha, jogou lenha na fogueira da disputa pelo protagonismo da ultradireita na chapa presidencial. O ex-governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), já aproveitou o momento para se fingir de indignado e atacar o senador, enquanto o ex-governador de Goiás, Ronaldo Caiado (PSD), se fez de espantado, mas pisou leve para não perder a base bolsonarista.

Fato é que o caso expôs de forma crua a hipocrisia e o falso discurso moralista anticorrupção da extrema direita. Assim como o pretenso caráter antissistema dessa gente, que, na realidade, faz e sempre fez parte desse sistema, sua ala mais podre e corrupta. Até o MBL de Renan Santos, que legalizou recentemente seu partido Missão e se vende, principalmente para os

setores mais jovens, como uma alternativa liberal sem o fisiologismo do bolsonarismo, está envolvido em escândalos, como o da sonegação bilionária da Refit.

O TABULEIRO DA EXTREMA DIREITA

Apesar do impacto na pré-candidatura da extrema direita, o mais provável é que o cenário continue polarizado, mantendo ou não a candidatura de Flávio Bolsonaro. Isso porque, embora desgastada por ora, a ultradireita expressa um fenômeno mais profundo: o nível de decadência, retrocesso e barbárie do próprio capitalismo. Aproveita-se também da baixa popularidade de Lula, ao o governo do PT se colocar como administrador da ordem capitalista.

Entre pesquisas em queda e alianças frágeis, a extrema direita mostra que sua moral é tão falsa quanto seu discurso antissistema.

O governo Lula, por sua vez, que poderia aproveitar o atual momento de fragilidade do bolsonarismo, continua apostando suas fichas numa política de conciliação e acordos com o centrão e a própria direita em nome da governabilidade. E, também envolvido no escândalo do Banco Master, não consegue fazer uma devassa no sistema financeiro e seus tentáculos na política e no judiciário. Tampouco consegue reverter a independência no Banco Central que, além de deixar rolar escândalos

como esse, impõe um dos juros mais altos do mundo que, por um lado, enriquece ainda mais banqueiros e turbina o capital financeiro e, por outro, aprofunda o endividamento das famílias.

TUDO DOMINADO

Escândalo do Master sacode, mas não mata a extrema direita

A orientação do PT é explorar ao máximo o caso para desgastar Flávio Bolsonaro. A questão que fica é: uma investigação a fundo do Banco Master interessa ao governo Lula? O banco de Vorcaro mantinha estreitas relações com o PT da Bahia, de Jaques Wagner, onde o esquema criminoso teria começado. Guido Mantega, ex-ministro da Fazenda nos governos do PT, foi contratado por um salário de R\$ 1 milhão para assessorar o trambiqueiro, articulando várias reuniões com Lula. Ao mesmo tempo, se a fraude começou no governo Bolsonaro, prosseguiu debaixo do nariz do Banco Central de Gabriel Galípolo, indicado por Lula.

A realidade é que a fraude do Banco Master é ecumênica: pega tanto a família Bolsonaro quanto o centrão de Ciro Nogueira, o governo do Distrito Federal e o próprio STF, sendo os ministros Alexandre de Moraes e Dias Toffoli os principais envolvidos até agora. Muito mais pode vir à tona nos próximos dias e semanas. Se agora Flávio Bolsonaro, pego na mentira, pede de forma hipócrita uma CPI do Banco Master, é evidente que ninguém tem real interesse em investigar coisa nenhuma.

No caso improvável de uma CPI, seriam, ainda assim, as próprias raposas tomando conta do galinheiro, garantindo uma verdadeira “pizza Master”.

EXTREMA DIREITA NÃO ESTÁ MORTA


As pesquisas que apontam a alta rejeição de Lula indicam um desapontamento em relação às expectativas. O povo não está comendo picanha e, ao contrário, enfrenta um endividamento recorde e uma inflação que, embora tenha arrefecido no último período, continua na estratosfera. A precarização e a superexploração do trabalho, tanto formal quanto os empregos por aplicativos, dão a sensação de que se trabalha cada vez mais para receber cada vez menos.

Longe de ser um produto de narrativas da extrema direita, a insatisfação geral é bastante concreta.

Essa situação é fruto da atual política econômica do governo Lula e, de modo mais estrutural, da própria crise capitalista e do papel cada vez mais rebaixado do Brasil. A recente aprovação da lei que entrega as terras raras aos monopólios estrangeiros imperialistas mostra que a política do governo Lula não é se contrapor a esse processo, mas fazer avançar o projeto de retroceder o país a mero país semicolonial exportador de commodities. Não há nenhuma possibilidade de desenvolvimento ou reindustrialização nesses marcos. Logo, essa política aponta para cada vez mais retrocesso e degradação do país. E é nesse ambiente que a extrema direita se fortalece e se perpetua.

FILME DE TERROR OU TRAGICOMÉDIA?

Os protagonistas do escândalo



Flávio Bolsonaro Pego na mentira pedindo R\$ 134 milhões ao banqueiro Daniel Vorcaro para supostamente financiar o filme sobre seu pai. Após revelação do áudio, descobriu-se que ele visitou Vorcaro quando este foi liberado para responder em liberdade, com tornozeleira.

Daniel Vorcaro Ex-dono do Banco Master e protagonista da maior fraude financeira da história, cujos prejuízos podem ultrapassar R\$ 500 bilhões. Uma fraude que funcionava como uma espécie de pirâmide, afetando milhões de investidores, inclusive fundos de pensão de servidores como do Rio e Amapá. Repassou R\$ 61 milhões à família Bolsonaro antes de ser preso.

Mário Frias Ex-ator de Malhação e ex-secretário de Cultura do governo Bolsonaro. Roteirista e produtor do filme Dark Horse no Brasil, primeiro negou que tivesse dinheiro do banqueiro corrupto no filme. Teve de admitir após vazamento de áudio agradecendo Vorcaro.

Eduardo Bolsonaro Primeiro negou que tivesse alguma relação com o dinheiro de Vorcaro, mas logo descobriu-se que ele, por meio de seu advogado, gerenciava um fundo chamado Heavengate nos EUA, para o qual a grana era repassada. O dinheiro saía do Brasil, ia para esse fundo e voltava (ou pelo menos parte dele) para pagar o filme. ■

PALESTINA

A flotilha, o genocídio sem máscaras e o declínio do projeto colonial sionista

 SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)



Marinha israelense intercepta barcos remanescentes da Global Sumud Flotilla e sequestra ativistas. Foto: Reprodução

Enquanto expõe ao mundo cada vez mais seus crimes contra a humanidade e aprofunda as atrocidades contra o povo palestino, o Estado genocida de Israel tratou, mais uma vez, de tentar silenciar e intimidar a solidariedade internacional: sequestrou, em 18 e 19 de maio último, 428 ativistas dos barcos remanescentes da Global Sumud Flotilla, dentre os quais quatro brasileiros: Ariadne Teles, Cássio Pelegrini, Beatriz Moreira e Thaiana Rogério. Apesar do poderio militar, no plano político isso dá mostras de fraqueza, não de força.

A imagem do ministro sionista Itamar Ben-Gvir humilhando os ativistas internacionais sequestrados da flotilha, obrigados a se ajoelhar e com algemas enforca-gato apertadas, enquanto

lhes era imposto ouvir o hino israelense, evidencia mais uma vez a cara feia desse Estado. A tal ponto que num gesto desesperado diante da condenação mundial crescente, o primeiro-ministro genocida Benjamin Netanyahu chegou a afirmar que o ato “não se coaduna com os valores de Israel”.

Trata-se de uma demonstração da crise interna sionista diante de um projeto que começa a ruir. E beira o ridículo, uma vez que o que se “coaduna com os valores de Israel” está mais do que documentado: genocídio, limpeza étnica, expansão colonial agressiva, apartheid contra o povo palestino.

AOS 78 ANOS DA NAKBA

Não caberia numa página descrever os crimes contra a humanidade contra os palestinos há mais de 78 anos. Estes crimes incluem, na busca de solução final na contínua Nakba – catástrofe palestina cuja pedra fundamental é a formação do Estado racista e colonial sionista em 1948 –, atrocidades inimagináveis.

Os horrores a que Israel submete os palestinos abrangem expulsão e ataques violentos dos colonos na Cisjordânia, onde não há um único dia sem que palestinos sejam assassinados, cercados, vilipendiados, presos. Os crimes do Estado terrorista vão do estupro de palestinos, homens e mulheres, inclusive com cães e objetos, nas masmorras sionistas, em que as torturas são inomináveis, ao bombardeio de hospitais, escolas, casas, tendas de deslocados em Gaza, no genocídio que continua, queimando vivas famílias inteiras.

Ainda, cerco criminoso à estreita faixa e impedimento da entrada de ajuda humanitária necessária diante da imposição da fome, sede e total falta de condições de vida – crimes que a flotilha insiste em denunciar e expor ao mundo.

Israel se sentiu tão à vontade para seguir com a matança, avalizado por cumplicidade internacional histórica, que não mais se preocupa em esconder seus crimes. Em meados de maio, o Parlamento sionista deu mais um passo para justificar a execução de presos políticos palestinos ao aprovar a formação de um “tribunal militar especial” para definir quem vai ser enforcado em praça pública por ter ousado resistir ao seu algoz – um direito legítimo dos povos sob colonização.

Os crimes do Estado de Israel vão do estupro de palestinos, homens e mulheres, nas masmorras sionistas, em que as torturas são inomináveis, ao bombardeio de hospitais, escolas, casas, tendas de deslocados em Gaza, no genocídio que continua, queimando vivas famílias inteiras.

Acelerar o início do fim do projeto colonial sionista

Essa percepção de impunidade de Israel sinaliza o começo de sua ruína. A imagem de Israel nunca esteve tão arranhada. No coração do imperialismo, os EUA, uma pesquisa do Pew Research Center realizada entre 23 e 29 de março último revela que a visão negativa sobre Israel já alcança 60% da população. "Seis em cada dez estadunidenses têm uma visão muito ou um tanto desfavorável de Israel, um aumento de sete pontos percentuais em relação ao ano passado e de quase 20 pontos desde 2022."

Lamentavelmente, a maioria dos governos, contudo, evita ir além de declarações e condenações formais. Não cogita romper relações com o Estado genocida e ainda permite ao lobby sionista atuar livremente em seus territórios na criminalização, intimidação e silenciamento das vozes que se recusam a se calar diante de um genocídio.

É o que se vê também no Brasil. A condenação em primeira instância de Zé Maria (leia mais ao lado) é emblemática nesse sentido e um grave precedente que precisa ser barrado como ampla defesa democrática à liberdade de expressão e manifestação da solidariedade ao povo palestino. É esse ambiente que a máxima da flotilha expõe: "Quando os governos falham, nós navegamos".

Quando os governos falham, nós marchamos. No Brasil, passou da hora de ampliar a

mobilização, as denúncias dos crimes de Israel contra a humanidade e aumentar a pressão ao governo Lula pela ruptura de relações com o Estado genocida. Ao mesmo tempo, exigir a imediata libertação das(os) brasileiras(o) sequestradas(os) neste momento da flotilha, dos demais ativistas e dos mais de 9 mil presos políticos palestinos.

Está nas mãos da solidariedade internacional a tarefa de ecoar as vozes palestinas e acelerar o declínio do projeto colonial sionista. A resistência palestina ensina o caminho.■



Imagens divulgadas pelo ministro israelense da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, mostram ativistas sequestrados com as mãos amarradas e obrigados a ficarem de joelhos em navio militar

NENHUMA VOZ PELA PALESTINA SERÁ SILENCIADA

Ato fortalece campanha contra condenação à prisão de Zé Maria



ROBERTO AGUIAR,
DA REDAÇÃO



Ato na Faculdade de Direito da USP contra a condenação de Zé Maria. Foto: Maísa Mendes

O ato realizado no dia 14 de maio, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no Largo São Francisco, em São Paulo, marcou um importante avanço na campanha internacional em defesa de Zé Maria, presidente nacional do PSTU, e contra a criminalização da solidariedade ao povo palestino. A atividade reuniu cerca de 300 pessoas e expressou uma ampla unidade de ação entre organizações políticas, movimentos sociais, sindicatos, parlamentares, ativistas e entidades em defesa da Palestina.

A condenação de Zé Maria a dois anos de prisão, pela Justiça Federal, é parte de uma ofensiva articulada pelo lobby sionista e pela Confederação Israelita do Brasil (Conib) com o objetivo de

criminalizar e silenciar vozes que denunciam o genocídio do povo palestino e o caráter criminoso do Estado de Israel.

ESTUDANTES DA USP EM GREVE

O ato foi conduzido pela jornalista palestino-brasileira Soraya Misleh e por Weller Gonçalves, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, e teve início com uma saudação de Julia Silva, diretora do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da USP e integrante do Coletivo Rebeldia, representando os estudantes em greve.

“Neste momento, estamos realizando uma forte greve estudantil contra a política de privatização e precarização das universidades paulistas pelo governador Tarcísio, que tem respondido com violência e repressão. Da mesma forma que age a Justiça Federal ao condenar Zé Maria por denunciar o genocídio do Estado de Israel contra o povo palestino. O ataque ao Zé Maria é um ataque a todos nós, pois abre um precedente à criminalização de todos os lutadores”, afirmou Julia.

“NÃO IRÃO NOS CALAR”

Em seguida, Zé Maria realizou seu pronunciamento. Sobre sua condenação por defender o povo palestino, afirmou: “Todos sabemos que não é por um suposto racismo meu contra o povo judeu o motivo da condenação a dois anos de prisão pela Justiça Federal de São Paulo. Essa acusação é o último e desesperado recurso que os sionistas usam para tentar defender o indefensável, que é o genocídio que o Estado de Israel pratica contra o povo palestino”.

Em seguida, completou: “Vou repetir aqui o que disse no ato lá na Avenida Paulista, que foi a expressão do nosso apoio à resistência do povo palestino e o rechaço à caracterização de terroristas que lhe é atribuída. Achamos que todo ato de força e violência do povo palestino contra o Estado colonizador de Israel é legítimo”.

“SILENCIAR ZÉ MARIA É TENTAR SILENCIAR UMA GERAÇÃO”

Um dos momentos mais emocionantes do ato foi a fala da estudante da USP e militante do PSTU Mandi Coelho, integrante da Global Sumud Flotilla. Em seu depoimento, ela relacionou a perseguição contra Zé Maria à tentativa de intimidar toda uma geração de lutadores políticos.

“Não é por acaso que eles querem calar o Zé Maria. Silenciar o Zé Maria significa silenciar uma geração que se levantou e ousou enfrentar a ditadura militar e lutou pelas liberdades democráticas. Eles querem deixar um recado”, afirmou.

Mandi também relembrou a experiência traumática vivida durante a missão internacional da flotilha em solidariedade à Palestina. “Fomos 188 pessoas sequestradas pelas forças israelenses em águas internacionais, quase 48 horas encarceradas em uma prisão em alto-mar. Fomos torturados física e psicologicamente”, relatou.

Em um dos trechos mais fortes de sua fala, Mandi contou que lembrou da trajetória de Zé Maria enquanto enfrentava a repressão israelense.

“Quando estava lá, passando por tortura, pensei em tanta gente e uma das pessoas foi você, Zé Maria. Lembrei da sua história de luta contra a ditadura, de

quando você chorou contando essa história, porque dói. Dói na sua carne e na carne de um povo”, disse.

UNIÃO DE VOZES

A mesa do ato contou ainda com a presença de parlamentares e dirigentes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), como Mariana Conti, do Movimento Esquerda Socialista (MES), e Sirlene Maciel, da tendência Semear; personalidades do Partido dos Trabalhadores (PT), entre elas Breno Altman e José Genoíno; da deputada argentina Cele Fierro, da Liga Internacional Socialista (LIS); além do dirigente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Jamil Murad.

Também participaram representantes da Central Sindical e Popular – Conlutas (CSP-Conlutas), da Intersindical, de movimentos em defesa da Palestina, como Vozes Judaicas pela Libertação, Frente Palestina de São Paulo e Global Sumud Flotilla, além de diversos sindicatos, movimentos populares e organizações políticas como Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores (CST), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT), Revolução Socialista (RS/PSOL) e Unidade Popular (UP).

ABAIXO-ASSINADO

Como parte da mobilização, segue a coleta de assinaturas do abaixo-assinado on-line, que já ultrapassa 5 mil adesões. Assine e divulgue! ■

**Assine o abaixo-assinado
contra a condenação à prisão**

[CLIQUE AQUI](#)

POUPANÇA DOS ESCRAVIZADOS

CEF promove apagamento histórico da população negra escravizada

Ação do Quilombo Raça e Classe, filiado à CSP-Conlutas, exige reparação por poupanças roubadas de ex-escravizados



SECRETARIA NACIONAL DE
NEGRAS E NEGROS DO PSTU



Registros históricos comprovam a criação de cadernetas de poupança de população escravizada no século XIX. Fonte: Reprodução

No dia 13 de maio, completaram-se 138 anos da abolição da escravidão, mas não há nada a comemorar. A data é envolta numa fábula que atribui o fim da escravidão a um ato benevolente da princesa Isabel, uma monarca branca que passou a ser retratada como uma espécie de santa redentora. A abolição de 1888, porém, não foi acompanhada de

nenhuma política de reparação aos negros e negras pelos séculos de escravidão no Brasil. Pelo contrário.

Em 1871, com a Lei do Ventre Livre, a Caixa Econômica Federal (CEF) começou a abrir cadernetas de poupança de pessoas escravizadas. No entanto, há evidências de que, após a abolição de 1888, parte das poupanças ficaram retidas. O confisco contribuiu para aprofundar a desigualdade social e perpetuar a marginalização da população negra até os dias de hoje.

Nesse contexto, o Movimento Quilombo Raça e Classe, filiado à CSP-Conlutas, enviou requerimento ao Ministério Público Federal (MPF) questionando a natureza, a finalidade e o destino da chamada Poupança dos Escravos. A CEF, então, foi intimada a prestar contas sobre essas poupanças do século XIX. É a primeira vez que um banco brasileiro é chamado pela Justiça a se explicar sobre sua relação com a escravidão.

CEF REAFIRMA APAGAMENTO

O banco apresentou uma manifestação superficial. A instituição limitou-se a afirmar que detém a posse e a guarda exclusivas dos registros e documentos relacionados ao tema. Não informa o volume total dos recursos movimentados nem apresenta dados concretos sobre sua destinação e possíveis beneficiários ou representantes hereditários da população escravizada que mantinha essas poupanças.

A resposta da CEF contribui para o apagamento histórico do protagonismo de negros e negras na luta por sua própria libertação e na construção da

Poupança dos Escravos. A postura da instituição reforça o descompromisso histórico do Estado brasileiro e de suas instituições com a reparação dos crimes da escravidão, ao negligenciar a organização de seu acervo, a identificação dos poupadores escravizados e a elucidação sobre o destino dos recursos acumulados. São valores duramente economizados por pessoas submetidas à escravidão na tentativa de conquistar sua liberdade, os quais jamais foram plenamente restituídos à população negra e seus descendentes.

A CEF reduziu toda a resposta ao inquérito em sua pesquisa parcial e insuficiente, dizendo o seguinte: "(...) as informações ora trazidas a este órgão atendem integralmente aos anseios da Entidade representante. Isso posto, efetivamente prestadas as informações requisitadas pelo Ministério Público Federal e atingido o objetivo traçado nos autos, a CAIXA requer o arquivamento do Inquérito Civil".

O reconhecimento da própria CEF, exposto em sua resposta, comprovam sua superficialidade nas análises e conclusões: "De toda sorte, ainda não há dados consolidados da quantidade de contas poupanças abertas em nome de pessoas escravizadas e nem dos valores movimentados nas mesmas, uma vez que nem todos os livros de conta-corrente foram preservados até o presente e, aqueles que se encontram em nosso Acervo, ainda não foram totalmente pesquisados". Essa ausência de transparência impediu que ex-escravizados e seus descendentes diretos ou indiretos tivessem acesso aos registros mantidos pela própria CEF.

Em resposta aos apontamentos da CEF, o MPF indica: "(...) a ausência de informações organizadas

sobre essas contas e sobre o destino do dinheiro indica possível negligência da empresa pública e representa uma forma de apagamento da memória e da história da população afrodescendente”.

REPARAÇÃO JÁ!

“Obviamente a resposta da Caixa não basta, é necessário continuar pressionando para que sua direção pare de enrolar e apresente todas as informações sobre sua relação com a escravidão e o destino das poupanças dos escravizados”, exige Cláudio Donizete, do Movimento Quilombo Raça e Classe e da Secretaria de Negras e Negros do PSTU.

À luz da recente indicação da ONU sobre o crime de escravidão como crime contra a humanidade, as medidas concretas de reparação histórica aos Estados, suas instituições e a burguesia de modo geral são mais urgentes e necessárias, como afirma Elias Alfredo, do Movimento Quilombo Raça e Classe e militante do PSTU no Rio de Janeiro: “A iniciativa do Movimento Quilombo Raça e Classe em provocar o MPF, de forma a trazer a Caixa Econômica Federal para o centro do debate sobre o crime da escravidão negra, configurado juridicamente como crime de lesa-humanidade, coloca na ordem do dia a luta de mais de um século do movimento negro por reparação histórica”.

Elias conclui: “A ação provocada pelo movimento contra a Caixa Econômica Federal faz parte de um processo mais amplo, de investigação histórica para trazer à luz a relação promíscua de cumplicidade entre Estado e instituições financeiras na escravização de milhões de pessoas durante três séculos”. ■

NOVELA:

Três Graças: De “O Encouraçado Potemkin” a Vorcaro – a história de uma expropriação

 JOVIPE,
DE SÃO PAULO (SP)



Fotos promocionais da novela Três Graças. Fonte: Reprodução

No dia 15 de maio, chegou ao fim *Três Graças*, novela que teve como espinha dorsal a história de uma expropriação e de justiça social. Um dos maiores acertos do horário nobre da TV nos últimos anos, a trama embrulhou todo seu drama numa composição corretíssima num momento em que as novelas tentam correr no mesmo ritmo dos vídeos curtos e das novelinhas de redes sociais – e ainda emplacou uma novela vertical do casal lésbico conhecido como “louquinha”, que viralizou nas redes.

Um dos grandes acertos da novela é retratar uma realidade cada vez mais brutal da classe trabalhadora e das periferias: de bico em bico, uma vida marcada por trabalhos precarizados e temporários, com a constante humilhação sofrida pela classe dominante (e por um setor médio decadente, mas ainda

endinheirado). Acerta também ao retratar as disputas entre crime organizado e igreja nas periferias, apesar de tratá-los como antagônicos – sabemos como muitas vezes estão, na verdade, imbricados, com o dedo (ou o braço inteiro) metido de políticos e governos.

UMA DOSE GENEROSA (E GRACIOSA) DE REFERÊNCIAS POP E POLÍTICAS

Aguinaldo Silva e a equipe alimentaram o roteiro com referências a produções que marcaram gerações: Senhora do Destino, Salve Jorge, Fina Estampa e até mesmo a cena icônica da escadaria de O Encouraçado Potemkin. Outra referência que repercutiu nas redes foi a de Grazi Massafera incorporando em Arminda, vilã da trama, falas da ex-namorada de Vorcaro, Martha Groeff. Das conversas íntimas vazadas do então casal ligado ao caso do Banco Master, Grazi – confessadamente – se inspirou no tom infantil das mensagens e soltou um magistral “segura que a peleleca tua chegou” para Ferette, seu amante ricoço.

Mas por que falar do Banco Master num texto sobre Três Graças? Sem forçar nem um pouco a barra, é possível perceber várias relações entre o personagem Santiago Ferette (Murilo Benício) e Vorcaro. Ferette – além de amante ricoço de Arminda – é empresário e dono da Fundação Ferette, que distribui remédios gratuitos para as periferias de São Paulo. O problema é que o empresário distribui medicamentos falsos, num esquema de desvio e lavagem de dinheiro.

Desde o início da novela, vemos os efeitos catastróficos dessas ações nas vidas da população da Chacrinha – referência explícita à Brasilândia, periferia da Zona Norte de São Paulo –, onde vivem as

três Marias das Graças: Lígia (Dira Paes), Gerluce (Sophie Charlotte) e Joély (Alana Cabral). As três gerações de mães solo ilustram a realidade de várias famílias e mulheres brasileiras, marcadas pela gravidez na adolescência, pelo trabalho precarizado e pelo abandono do estudo. Elas enfrentam a doença de Lígia, a matriarca das Graças, que toma os remédios falsos da Fundação Ferette e não vê nenhuma perspectiva de melhora.

Diante da possibilidade de perder a mãe, vendo diversas famílias serem destruídas pela distribuição dos remédios de farinha, Gerluce arquiteta um plano para roubar – ou melhor, expropriar – uma escultura da casa de sua patroa, Arminda, também envolvida nos esquemas de corrupção da fundação. Todo o plano se desenrola de maneira a expor as fraudes de Ferette e de Arminda, que têm uma grande rede de contatos que os apoiam: desde capangas particulares até o tráfico e o alto escalão da polícia e da justiça.

É inegável que a tomada de consciência de Gerluce e de seus aliados é cativante e que a novela acerta em cheio na balança do drama, do suspense e do humor. São vários os momentos em que as personagens fazem referências ao proletariado e à união do povo pobre, muitas vezes de maneira cômica, muitas vezes num tom tão dramático que soa cômico, mas que nunca deixa de carregar desespero real diante de uma vida tão injusta, marcada por desigualdade e favorecimento dos ricos.

Isso sem falar da própria decisão de chamar o roubo da estátua de “expropriação”. É aí que referências como à cena da escadaria de O Encouraçado Potemkin ganham mais tração. Poderia ser apenas uma referência visual divertida de um carrinho de

bebê caindo numa escadaria em meio ao caos generalizado. Mas a revolta contra os oficiais do tzar e o levante contra o tzarismo do filme de Sergei Eisenstein também reverberam na trama de Três Graças com a revolta popular contra os crimes de Ferette.

A CATARSE

Em Três Graças, alguns ricos (os “do mal”) não ficam impunes: Ferette é preso e delira, doente, pelo ódio que sente de Gerluce; Samira (Fernanda Vasconcellos), uma traficante de bebês, também termina presa. É o final de Arminda que dá a pista da impunidade real. A vilã finge ter enlouquecido e, depois de oito anos vivendo sob os cuidados e luxos da família, foge com a escultura.

A catarse real pro nosso ódio de classe nós construímos nas ruas, nas organizações da nossa classe, nos partidos e onde quer que esteja o povo que sente no dia a dia a catástrofe do capitalismo. E essa catarse, decerto, não vai ser transmitida nas telas de emissora nenhuma. ■

Leia o artigo na íntegra:

[CLIQUE AQUI](#)



Fotos promocionais da novela Três Graças. Fonte: Reprodução

HERTZ DIAS EM MINAS GERAIS

PSTU lança pré-candidaturas com plenárias, apoio às lutas e diálogo com trabalhadores

Agenda em São Paulo e Rio de Janeiro amplia diálogo em defesa de um programa socialista para o Brasil



**CAROL GODOI,
DE BELO HORIZONTE (MG)**



Lançamento das pré-candidaturas do PSTU em Belo Horizonte.

As pré-candidaturas de Hertz Dias à presidência da República e de Rafael Duda ao governo de Minas Gerais foram lançadas durante uma série de atividades realizadas entre os dias 13 e 17 de maio em diferentes cidades mineiras. A agenda reuniu mais de 210 ativistas em plenárias, encontros com trabalhadores, sindicatos e movimentos sociais, apresentando um programa socialista e de independência de classe.

Juiz de Fora: diálogo com atingidos pelas chuvas
A primeira atividade ocorreu em Juiz de Fora, no dia 13. Hertz e Duda conversaram com moradores atingidos pelas fortes chuvas do início do ano,

que deixaram 66 mortos na cidade. Os relatos denunciaram o abandono enfrentado pelas famílias meses após a tragédia.

Durante as atividades, os pré-candidatos criticaram os cortes promovidos pelo governo estadual na prevenção de desastres e denunciaram a política de isenções fiscais aos grandes empresários enquanto trabalhadores seguem sem assistência adequada. Também criticaram os governos federal, estadual e municipal pela falta de respostas aos atingidos. À noite, ocorreu uma plenária com ativistas e trabalhadores da cidade.

SÃO JOÃO DEL-REI REÚNE SINDICATOS E MOVIMENTOS SOCIAIS

No dia 14, a caravana seguiu para São João del-Rei. A programação incluiu entrevistas à imprensa local, reuniões com entidades e diálogos com diferentes setores da população.

À noite, uma plenária no Social Futebol Clube reuniu representantes do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (SIND-UTE/MG), do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos (Sindmetal), do Sindicato dos Trabalhadores da Saúde (Sintras), do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais (Sindserv), do Sindicato dos Empregados no Comércio de São João del-Rei e Região (Sindcomerciários), do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário (Sinticom) e do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de São João del-Rei (DCE da UFSJ), além do Movimento Mulheres em Luta (MML) e do movimento LGBTQIAPN+ de Barbacena.

Nas falas, Hertz Dias e Rafael Duda defenderam a construção de uma alternativa socialista, popular e independente, vinculada às lutas da classe trabalhadora, da juventude, das mulheres e da população negra.

MINERAÇÃO E CRIMES AMBIENTAIS MARCARAM AGENDA EM CONGONHAS E MARIANA

Na sexta-feira, dia 15, os pré-candidatos estiveram em Congonhas. Após reunião com dirigentes do sindicato Metabase e ativistas do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), participaram de atividade no transbordo da CSN para dialogar com trabalhadores da mineração sobre exploração, condições de trabalho e impactos do atual modelo mineral.

A agenda continuou em Mariana, cidade marcada pelo rompimento da Barragem de Fundão em 2015. Em reunião com ativistas do Movimento Mulheres em Luta (MML), MAB e movimento estudantil, Hertz e Duda defenderam outro modelo de mineração, baseado na preservação ambiental e na distribuição da riqueza produzida pelos trabalhadores.

APOIO À GREVE DA EDUCAÇÃO E DEFESA DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

O encerramento da agenda ocorreu em Belo Horizonte no sábado, dia 17. Os pré-candidatos participaram das atividades de apoio à greve da educação municipal, que enfrenta ataques da prefeitura contra professores de apoio da educação infantil e reivindica melhores condições de trabalho e salários.

A atividade contou também com a participação de

Vanessa Portugal, dirigente da educação e do movimento popular em Belo Horizonte.

A programação incluiu ainda visita ao Memorial dos Direitos Humanos, antigo Departamento de Ordem Política e Social (Dops), espaço de memória da repressão da ditadura militar-empresarial, além de entrevista à Rádio Favela, no Aglomerado da Serra.

O encerramento ocorreu em plenária no SindRede, com cerca de 80 ativistas. Vanessa Portugal destacou a necessidade de transformar a sociedade e melhorar as condições de vida da classe trabalhadora. Também manifestou solidariedade ao povo palestino e denunciou a condenação de Zé Maria, apontada pelos participantes como uma perseguição política relacionada à defesa da Palestina.

Hertz Dias e Rafael Duda reafirmaram a defesa de um programa socialista voltado às necessidades da classe trabalhadora e à construção de uma alternativa política independente dos governos e dos patrões. ■



Lançamento das pré-candidaturas do PSTU em Belo Horizonte.